

Aquele que foi dilacerado: Jean-Jacques Rousseau e a autobiografia

José Guilherme Deister Nicomedes

Mestrando na UERJ

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/6170276294101352>

josednicomedes@gmail.com

117

Sob o som indignado de um trovão e a fúria dilacerada de um relâmpago se inscrevem o nome de Jean-Jacques Rousseau. Os problemas já começam aqui, quando seu nome, comumente evocado próximo do *Contrato Social*, se dissipa numa diversidade enigmática de outros nomes em suas obras autobiográficas – *Confissões*, *Diálogos* e *Devaneios*. Com isso se arrastam outros problemas: para além de suas assinaturas, no que consiste um autor, um livro e, mais especificamente, uma obra autobiográfica para a filosofia? Será Rousseau ou Jean-Jacques? Será Monsieur Dudding ou Vaussore de Villeneuve? Estilhaçado em mil pedaços, investiremos aqui nossos esforços em fazê-los orbitar ao redor de um problema: a cisão.

Cisão, separação, ruptura, dilaceramento, são as ações às quais Rousseau esteve constantemente submetido em sua vida, e que permearam visceralmente seus escritos. Contudo, é através de sua obra autobiográfica que se consegue observar de uma maneira mais inflamada esse problema pulsar. A questão, nesse sentido, que nos cabe analisar: qual o espaço da *leitura* na obra autobiográfica de Rousseau, tanto no sentido exterior, onde a reflexão sobre filosofia e vida está regularmente *separada*, quanto no interior do texto, onde a posição que a leitura ocupa é a de designar instabilidades jamais pacificadas.

Assim, se temos aqui um problema de leitura na filosofia rousseauiana, imediatamente se segue um problema de escrita. Porque, servindo-se de diversas leituras, tendo redigido variados escritos, no momento em que se empreende o objetivo de falar de si, a exigência da invenção de uma nova linguagem é marcada. Nessa linguagem se formula uma separação essencial do que havia sido escrito até aquele momento, era preciso, por consequência, inventar uma outra modalidade de espaço linguístico para existir. Desse espaço de linguagem não se ordenaria nenhuma estabilidade, mas dele se

produziria uma outra maneira de falar, uma outra maneira de falar de si e uma outra maneira de existir.

Portanto, gostaria de apresentar uma análise crítica de um problema em torno do qual algumas questões provocam uma vibração instável. Assim, poderíamos assumir uma formulação inicial, mas da qual imediatamente ela cederia lugar a outras problemáticas mais interessantes: como aquele que elaborou o ideal do contrato social foi também aquele que, em sua recusa necessária, produziu uma série de rupturas irreconciliáveis, tanto a nível de vida, como a nível de pensamento? Disso se segue: *como ler? como escrever? e como ser uma subjetividade do ponto de vista da ruptura?* (ROUSSEAU, 1959, pp. 995-97).

118

Palavras-chave: Autobiografia. Leitura. Escrita. Subjetividade. Rousseau.

Bibliografia:

BLANCHOT, M. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018, p. 57-68.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ROUSSEAU, J.-J. *Oeuvres complètes*, t. I. Paris: Gallimard/Bibliothèque de la Pléiade, 1959.

STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*; seguido de sete ensaios sobre Rousseau. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.